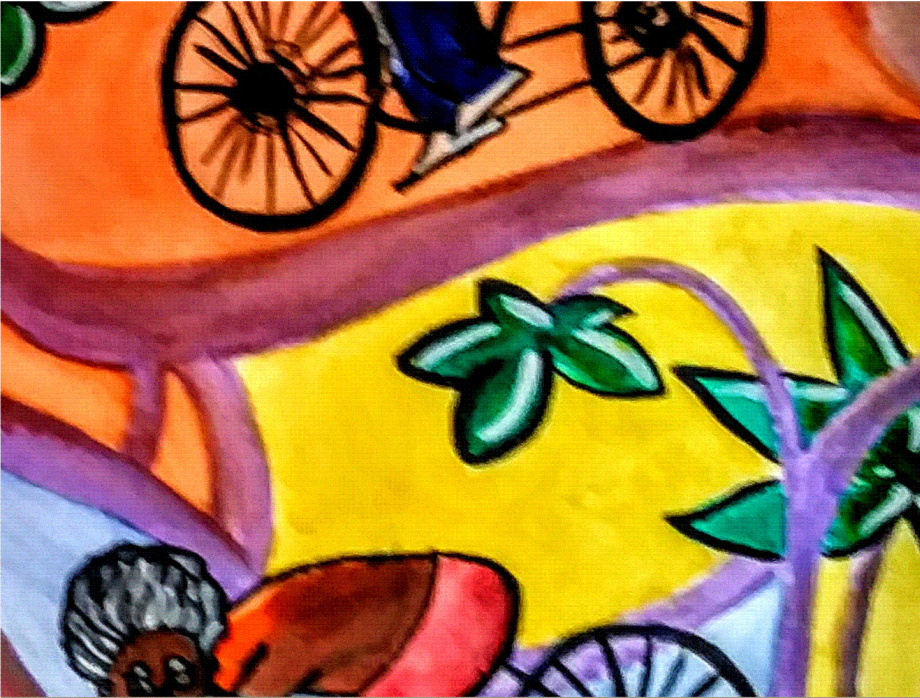




REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

Vol. 04, Nº 02 - AGO. 2019



Nº 02



O SIMBOLISMO NOS NOMES DE CÃES: MEANDROS DA SEMIÓTICA E DA SOCIOLINGÜÍSTICA

THE SYMBOLISM IN THE NAMES OF DOGS:
MEANDERS OF SEMIOTICS AND SOCIOLINGUISTICS

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5362945>

Envio: 18/05/2019 ♦ Aceite: 06/08/2019

JERÓNIMO ALFREDO CHAÚQUE



Doutorando em Linguística na Universidade Eduardo Mondlane-Moçambique; Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Pedagógica de Moçambique; Docente de Linguística Bantu e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Católica de Moçambique.

RESUMO:

A exploração de signos suportados pelo imaginário cultural, linguístico e os contextos de enunciação elavam o nome do cão ao nível de um produto literário passível de interpretações através de um exercício psíquico que envolve o domínio da língua, seus signos e símbolos que envolvem uma cultura em causa. Na comunidade Changana, os nomes de cães da emitem mensagens com força ilocutória que respeita as necessidades comunicativas do nomeador e funcionam como mecanismos de resolução de conflitos sociais. A nomeação de cães abre espaço para a ocorrência do fenómeno de humanização destes animais que resulta do uso de antropónimo, de frases e de substantivos e adjetivos humanizantes. E são tidos como textos metafóricos e simbólicos que fazem fluir os profundos sentimentos e imaginário do homem. Nomear um cão é elaborar metáforas que permitem a comunicação através da recuperação, exploração e reutilização de contextos de enunciação. Os nomes dos cães constituem um reservatório e fonte imensurável de constatações socioeconómicas, metafóricas e culturais das vivências humanas. É não só, é notória a denúncia dos problemas do quotidiano social dos membros da comunidade através deste mecanismo.

PALAVRAS-CHAVE: Nomear; Metáfora; Cães; Simbolismo; Imaginário.

ABSTRACT

The exploration of signs supported by the cultural and linguistic imaginary and contexts of enunciation elan the dog's name to the level of a literary product that can be interpreted through a psychic exercise that involves the mastery of the language, its signs and symbols that involve a culture in cause. In the Changanas community, the names of dogs emit messages with illocutionary force that respect the communicator's communicative needs and function as mechanisms for resolving social conflicts. The naming of dogs opens space for the occurrence of the phenomenon of humanization of these animals that results from the use of anthroponym, phrases and nouns and humanizing adjectives. And they are taken as metaphorical and symbolic texts that flow the deep feelings and imaginary of man. Naming a dog is to devise metaphors that enable communication through the retrieval, exploration, and reuse of enunciation contexts. The names of the dogs constitute a reservoir and an immeasurable source of socioeconomic, metaphorical and cultural findings of human experiences. It is not only, it is notorious the denunciation of the problems of the daily social of the members of the community through this mechanism.

KEYWORDS: Name; Metaphor; Dogs; Symbolism; Imaginary.

INTRODUÇÃO

O discurso oral é indubitavelmente muito vasto. Abrange, na sua complexidade, textos literários e não literários. As duas componentes, de forma complementar, exprimem uma coerência profunda, a identidade cultural de um colectivo, no caso Changanana.

Eminentemente subjetivos, os textos de carácter literário exprimem valores interiorizados que, quando confrontados com dados extra-textuais, disponíveis, mais objetivos, oferecem sentidos novos e contextualizados.

Os estudos ocidentais apresentam muitas propostas que facilitam as pesquisas e estudos de vários quadrantes, porém, sugerem a olhares mais atentos para realidades distintas.

Dos géneros mais conhecidos, textos narrativos (contos, lendas, fabulas, mitos, etc.), poéticos (poemas épicos e não só) e sapienciais (adivinhas, enigmas e provérbios),

existem outros próprios de comunidades particulares, que têm criatividade na escolha de maneiras distintas de manifestar o seu saber, o seu conhecimento do mundo natural e social de forma metafórica, rica em termos linguísticos, literários, filosóficos, sobretudo como uma crítica, no sentido mais vasto, do mundo.

O presente trabalho tem como objecto de estudo os nomes dos cães, com o objectivo de reflectir sobre a carga simbólica que estes nomes têm na comunidade Changana. O trabalho será desenvolvido com o tema: simbolismo nos nomes de cães-meandros da semiótica e da sociolinguística. Uma das razões da realização desta pesquisa tem que ver com a necessidade de mostrar que os nomes dos cães na comunidade Changana são uma construção social e constituem uma forma característica e intrínseca de comunicação subjectiva desta comunidade. O trabalho procura trazer uma proposta de leitura do processo e efeito de atribuição de nomes como reflexo da conexão com aspectos ligados à religiosidade, à antroponímia reflectida na personificação dos animais ou ainda à crítica social. O facto de escolhermos a língua xichangana falada na província de Gaza, em Moçambique, ganha a sua justificação em dois pilares: o primeiro por conhecermos a zona como área de ocorrência de nomes de cães com as características peculiares e o segundo sustenta-se no facto de termos competência linguística e cultural em relação à zona escolhida. Neste trabalho, tentaremos fundamentar o postulado implícito segundo o qual a função nominativa das palavras não se refere apenas a dar nome a algo, mas também a comunicar com o outro através desse nome. Trata-se de um trabalho de pesquisa, análise e interpretação de um conjunto de valores que os nomes dos cães, enquanto espaço da oralidade e mecanismo de representação reflectem um *modus vivendi* e *operandi* do mundo, em geral e da comunidade Changana, em particular.

SÍMBOLO

Símbolo é um sinal que marca uma relação analógica, constante numa dada cultura, com o elemento que significa. O símbolo seria um fenómeno físico que tem o significado conferido por aqueles que o utilizam e que só eles o conhecem. Os símbolos não são objectos ou gestos directamente utilitários, que se tornaram simbólicos, trata-se de sinais social ou culturalmente concebidos e assim sendo envergam uma significação sociocultural e veiculam visões do cosmos que essa sociedade partilha (MARTINEZ, 2009, p.50).

É na interpretação dos símbolos que se escava e se exterioriza o sentimento profundo, as crenças, explicação dos fenómenos naturais e sociais dos membros duma determinada comunidade. Em Martinez (2009), percebe-se de uma forma subtil que o significado de um símbolo não é arbitrário, ou seja, o significado do símbolo não pode ser determinado arbitrariamente pela fantasia ou imaginação de um indivíduo, isto é a significação de um símbolo é um produto linguístico e do intelecto sociocultural da comunidade. Portanto, sendo o significante e o significado construções linguísticas e socioculturais sublinha-se a questão da arbitrariedade do signo linguístico, visto que entre estas duas entidades; não há de facto uma relação intrínseca ou natural que as une. Porém, não se veda por completo a possibilidade de aproximar um símbolo a um determinado significado desde que tenha os seus alicerces no meio; uma expressão de uma dada língua natural, quando usado num dado contexto comunicativo tem um dado significado e um dado valor referencial (MATEUS, 2003, p.207).

O símbolo é uma criação humana, resultado de um processo de representação de coisas, factos ou fenómenos através de signos com vista a garantir uma visão única daquilo que se pretende representar. Ou seja, resulta de um processo de moldagem da consciência humana de modo a perceber os símbolos como aquilo que eles representam. Por esta razão diz-se que o símbolo é um signo que se refere a um objecto que denota em virtude de uma lei; naturalmente uma associação de ideias gerais que apresenta no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referido

aquele objecto. O símbolo é consequência de um processo de unificação das mentes a partir de leis socioculturais e/ou convencionais.

Portanto, um símbolo é algo que representa uma coisa ou objecto. Está numa relação com uma coisa que para alguma mente é visto como se fosse a tal coisa, ou seja, o símbolo tem uma relação de reorientação com o objecto ou coisa com quem se relaciona ou é relacionada. A mente quando se apercebe do símbolo cria uma imagem acústica que lhe leva ao objecto com quem o símbolo se relaciona (o significante).

O CÃO COMO ÍNDICE E SÍMBOLO

O Homem entra em contacto com o cão (ser físico), fluem-lhe na mente algumas informações que o obrigam a fazer um exercício de busca do nome do cão ou de adivinha do nome do animal. Este exercício, em algumas situações pode culminar ou ser acompanhado por situações de atribuição estanténeas e por acaso de nome ou nomes ao animal.

Interessa-nos sublinhar que o exercício psíquico empreendido pelo ser humano ao dar-se conta da existência do animal resulta do facto de se saber que, na comunidade Changana, o cão carrega consigo nomes que veiculam mensagem de diversa natureza. Isto é, na comunidade Changana, o cão, em particular, é uma animal de eleição para o exercício da nomeção engenhosa e metafórica, por conseguinte, constitui um campo aberto e fértil para o fluir do simbolismo e sua exploração.

As imagens acústicas ou informações que fluem na mente do homem resultantes no seu contacto com cão não estão directamente relacionadas com o o animal nem com o seu nome, pois trata-se de um primeiro contacto dos dois seres. No contacto, o ser físico (cão) neste contacto não tem como disponibilizar o nome dado pelo seu dono/nomeador nem qualquer elemento interpretável. No entanto, acredita-se que este tipo de contacto faz do cão um índice, pois pela construção social, imaginário e o que se espera do seu nome na comunidade Changana o animal abre espaço para especulações estanténeas por parte do sujeito que entra em contacto com o cão.

É neste primeiro contacto entre o homem e o cão e pela necessidade que o ser humano tem de nomear tudo o que esta em sua volta para melhor se comunicar com os outros e explorar a natureza que o cão se apresta ao homem como indício. Ou seja, na comunidade, o cão torna-se indício no instante em que o homem entra em contacto consigo esperando que este animal tenha um nome atribuído pelo seu dono. O homem espera, ainda, que o potencial nome tenha um valor comunicacional, uma vez que nesta comunidade o cão é nomeado para que com o seu nome se emita mensagens de humanos para humanos. Por mais que o cão se apresente ao ser humano como indício não aponta a uma realidade concreta porque os possíveis referentes são dados socialmente construídos, desde o seu nome até às metáforas que envolvem o nome.

Mais ainda, não se está a trabalhar com aspectos biológicos ou comportamentais do animal, realidades que explorados num dado estudo e por conclusão desse estudo podem apontar para algo concreto e intrínseco desta espécie. Mas neste caso o objecto é o ser físico (o animal cão), o que se consegue captar com a visão. Em outra estância, o cão pode ser tomado como símbolo, este ângulo de visão é possível quando a partir da associação do valor da construção social que se tem deste animal na comunidade Changana com alguns comportamentos próprios do animal que o homem os considera menos abonatórios que por processos metafóricos são transferidos para o ser humano, como sustenta Moscovici (2004, p.109) ao afirmar que “os nomes dos animais como representações significam a circulação de todos os sistemas de classificações, todas as imagens, metáforas e todas as descrições do mundo”. Este posicionamento faz nos perceber que, na comunidade Changana, antes de se explorar o simbolismo dos nomes dos cães já se explorava o do animal. O verbete cão [kãu], que designa o nome da espécie, quando usado em construções frásicas/metafóricas com força elocutória e/ou carga semântica pejorativas direccionadas a um destinatário humano ganha e transmite outros valores, segundo Saussure (1970, p.124-126), “o significante e o significado não têm uma relação natural, trata-se de uma atribuição sociocultural dos falantes da língua”.

Ora vejamos: a. Wena umbzáná.

a'. 'Voce é cão.' [+masculino] a". 'Voce é cadela.' [-masculino]

O uso da frase Wena umbzáná [voce é cão] constitui uma unidade e oportunidade de repreensão e satirização do destinatário. Esta frase constitui uma metáfora por excelência, coloca o homem e o cão numa comparação fundamentada pela aproximação de atitudes e comportamentos do visado aos instintos e comportamento do cão. Vale sublinhar nesta locução que esta comparação é também elencada a alguns elementos socioculturais e construção social do cão, na comunidade Changana. A língua é de natureza social é partilhada por uma comunidade que admite as suas convenções, mas que, pouco a pouco as modifica; dá o seu carácter evolutivo (GALLISSON e COSTE, 1983, p. 442).

Esta frase constitui uma afronta ao visado, pois sabes que nenhum ser humano aceita ser chamado cão ou ser tratado como cão. Entretanto, na frase Wena umbzáná = [voce é cão] não é só a comparação que flui entre estas duas entidades (homem e cão) que mais despertaram o nosso interesse, mas sim a possibilidade que esta metáfora abre para gerar outras metáforas.

A frase Wena umbzáná = [voce é cão] sem acrescentar nem reduzir ou movimentar, os constituintes da frase sujeitas-se a uma mobilidade/flexibilidade semântica e pragmática quando o sujeito enunciatário for flexionado em género. Se o sujeito enunciatário da Wena umbzáná 'voce é cão.' [+masculino] for masculino a carga semântica e pragmática são recebidos a partir de uma estrutura profunda que pode dar uma informação relacionada com a falta de carácter, de respeito ou de princípio. Percebemos que a frase Wena umbzáná = 'voce é cão.' [+masculino] quando o destinatário é um homem significa 'você não tem carácter. Esta é informação é mais um resultado do uso de elementos socioculturais na esfera da linguística para produzir elementos do consumo sociocultural. E se o sujeito enunciatário da frase Wena umbzáná = 'voce é cadela.' [-masculino] for do género feminino a força carga semântica e pragmática mudam por completo e destanciam-se da informação da frase com o

destinatário masculino. Nesta situação a frase Wena umbzáná [-masculino] evidencia a ideia de volubilidade do sujeito enunciatário como acontece com o sujeito enunciatário masculino. Mas neste caso, do sujeito enunciatário feminino, a carga semântica da mensagem é mais pejorativa estando descadas as ideias de prostituição, vadiagem e gandaice. É frequente na metáfora Wena umbzáná [-masculino] com sujeito enunciatário feminino extrair-se a frase: 'você é prostituta'. Moscovici (2004:109) ao afirmar que as representações são partilhadas pelas pessoas (membros dessas comunidades) e influencia-as na leitura dos fenómenos sociais, linguísticos e culturais e na tomada de decisões, uma vez que mostra que a leitura da frase Wena umbzáná = 'voce é cão' abre um espaço para a ocorrência de metáforas que pelo meio social e imaginário da comunidade Changana fazem com que o ser humano por mais que se intitule amigo deste animal ou o aceite como seu melhor amigo não quer se ver confundido com este animal.

HUMANIZAÇÃO DOS CÃES

O homem no seu quotidiano social fez se sempre acompanhar por diversos animais de estimação, o cão, em particular, conhecido como seu fiel e melhor companheiro. O acto de atribuir um nome próprio ao cão funciona como uma personificação deste animal, ou seja, a nomeação de cães constitui um espaço para o desenvolvimento fenómeno de equiparação do cão ao ser humano. Deste modo os cães tornam-se membros de uma família humana, onde têm nomes, estatutos e direitos equiparados aos do homem. A concepção ou escolha de um nome para um cão (signo) obedece dois níveis aceitação semiótica como afirma Genouvrier e Peytrard (1983:165), "[...] à semelhança das outras unidades semióticas, o signo linguístico é visto em dois níveis, o da forma e o do conteúdo."

No nosso entender será o nível da forma que criará a beleza e permitirá a memorização do nome do animal e o conteúdo concorrerá para a veiculação da mensagem emitida pelo nomeador a partir do nome do animal e abrirá espaço para a exploração de campos metafóricos e satíricos que circundam o nome do cão.

Os níveis semióticos da concepção do nome do cão constituem uma janela para a humanização deste animal e facto do homem partilhar o habitat, o convívio e fazer-se acompanhar pelo cão galvaniza o processo de humanização do animal. E a atribuição de nomes aos cães é tomada como uma forma clara e mais elevada de personificação destes seres. E, linguisticamente, a personificação constitui um campo fértil para humanização de seres não humanos.

Na perspectiva da semiótica, particularmente ao ver de Saussure (2006, p. 80), um nome é um signo em que “o significante é a imagem acústica da palavra falada ou a representação gráfica da palavra escrita, e o significado é o conceito do objecto ao qual esta palavra remete”.

O acto de atribuir um nome a um animal, especificamente, ao um cão, na comunidade Changana deixou, há muito tempo, de ser um espaço de vaidade ou de destinação destes seres e tornou-se uma necessidade de transmissão de mensagem de humanos para humanos. Por tratar-se de um animal que com ele há uma relação muito forte de companheirismo e de cumplicidade. O processo de atribuição de nomes aos seus fiéis (caninos) coincide com o fenómeno de exteriorização dos sentimentos do homem através deste animal e, consequentemente, impulsiona a elevação do cão à categoria de um humano. No campo literário, Aguiar e Silva (2009, p. 704) dizem que o “nome é um elemento importante na caracterização da personagem, tal como acontece na vida civil em relação a cada indivíduo.”

Nesta área o nome é tomado como um elemento que denuncia o comportamento do personagem. Pode se, também, dizer que o nome se reveste de elementos que caracterizam o personagem.

Como já nos referimos, anteriormente, o nome do cão, na comunidade Changana, de algum modo, funcionam com um mecanismo que permite ou facilita a passagem de atitudes, comportamentos, desejos, imperfeições e mais atributos humanos para atingir ou para o consumo de outrem, visto que no sistema nervoso do cão nem se passa nenhuma informação que dá conta que o seu nome veicula outras informações além de um simples vocativo que o percebe como um elo entre ele e o seu proprietário.

E sabe-se que os nomes como símbolos não são objectos ou gestos directamente utilitários, que se tornaram simbólicos, trata-se de sinais social ou culturalmente concebidos e assim sendo envergam uma significação sociocultural e veiculam visões do cosmos que essa sociedade partilha (MARTINEZ, 2009, p. 50).

Do ponto de vista sociolinguístico, é lógico que o nome que o ser humano recebe quando nasce e o que este atribui ao cão não são produtos do acaso e nem constituem uma simples identificação ou elemento de distinção entre estes seres e os outros das suas respectivas espécies.

Assim, o nome é tido como um autêntico discurso ou meio de expressão. Pois, no processo ou fenómeno da nomeação dos cães, geralmente, o que é mais significativo é o referente original, os factos e os antecedentes que condicionou a escolha desse nome e não a palavra/frase seleccionada para nomear o animal.

Na comunidade Changana, a antropomorfização canina pode ser classificada em “adjectival” e “antroponímica” que podem ser satíricas e de louvor.

A “antropomorfização ou humanização adjectival” consite na transformação de substantivos comuns, adjectivos e atributos relativos ao ser humano ou à vida humana em nomes de cães. Este processo ou situação se mal interpretada ou vista por um indivíduo exógeno ao meio sociocultural¹ (dos chaganas) em que são concebidos e circulam os produtos desta humanização podem ser percebidos como legítimas preocupações dos cães.

É nesta forma de antropomorfização canina que, na comunidade Changana, pode se deparar com cães chamados *Kosazana/Tate* [irmã mais velha do dono da casa], *Munumuzana* [chefe de família], *Masirheni* [nas sepulturas], *Mutlinyinyi* [comida mal feita], *Xisiwana* [pobre], *Bhangueni* [o de adega/bar] entre outros. Este processo pode ser percebido como camuflagem sentimental do ser humano, na medida em que este não assume directa ou inteiramente a responsabilidade de emissão da mensagem ou de expressão dos seus sentimentos. Ou seja, o homem delega o cão, um ser inconsciente, para por ele expressar os seus sentimentos. O que o homem não consegue expôr livre e

1 O significado de um morfema [palavra/nome] é, portanto, definido pelos contextos e situações em que tal morfema [palavra/nome] ocorre (ELSON e PICKRTT, 1978, p.31).

abertamente ao seu semelhante, o cão associado ao seu nome fazem-no sem limites de espaço e tempo. O nome, como observa Vilela (1994:34), “é uma das partes do léxico de língua que, primeiramente, configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade”.

E se a anologia servir ou for adequada podia-se afirmar que a humanização canina funciona, de algum modo, como funciona o discurso indirecto, onde o emissor não assume como suas as palavras que ele emite, uma autêntica forma de mostrar que se serviu de enuciado de outrem.

E a “humanização antroponímica”, esta humanização diz respeito a exploração metafórica dos antropónimos. Este processo consiste na atribuição de nomes humanos aos cães.

Porém, torna-se imperioso que os nomes humanos a atribuir aos animais sejam de chefes de estados ou de figuras emblemáticas com um cunho e significados históricos e simbólicos enraizados na mente colectiva dos membros da comunidade. É nesta lógica que, na comunidade Changana, deambulam cães com nomes como Guebuza, Hiltler, Bush, Mandela, Hossama Bin Laden, Ngungunhane, Ziminthi e mais. No que se constatou no terreno e ao longo da pesquisa, neste tipo de antropomorfização canina são mais explorados nomes dos estadistas no sentido de expressar o desagrado que inquieta um membro, geralmente, da comunidade/família. O desagrado expresso no nome do cão está estreitamente ligado ao facto de se apontar um visado que é um chefe de família com características de um imperador, uma pessoa que se alheia aos sentimentos e preocupações do próximo.

O facto de se relacionar um antropónimo com uma pessoa que se alheia das preocupações, sentimentos, esforço, cansaço ou vida do outro, o nome do animal saído desta relação ganha um cunho satírico. Porém, existem casos em que o nome atribuído ao animal significava uma homenagem à figura em causa ou ao legítimo dono do antropónimo.

Como viu-se, o acto de nomear um cão é uma construção social, livre e, em algumas situações, espontânea que aproxima o cão do homem criando deste modo um espaço que faz os cães experimentarem a vida humana. Independentemente do ângulo

de visão do pesquisador, os nomes de cães, na comunidade Changana, colocam este animal numa situação de interdiscursividade homem-animal, pois é sabido que nenhum nome nesta comunidade é dado ao acaso.

Portanto, cada nome constitui uma realidade sociocultural, cada cão é uma mensagem ou um mensageiro que de algum modo funciona como porta-voz dos humanos que não querem se expor no acto de exteriorização dos seus sentimentos.

OS ANTROPÓNIMOS COMO NOMES DE CÃES

Assim, o uso dos antropónimos como nomes caninos constitui uma técnica de recuperação e reutilização os feitos e o ser dos donos dos antropónimos.

Todavia, para que a intertextualidade seja efectiva e nem forçada é fundamental que o antropónimo abunde na memória colectiva e seja tacitamente acordado pelos membros da comunidade. Uma vez que são eles, na sua história, que cunham a simbolismo que circunda o antropónimo. Nestas circunstâncias, Padilha (2002, p. 247), sublinha a importância do nome ao afirmar que “a palavra que nomeia a pessoa não só revela a mera denominação, mais do que isso, representa a pessoa com a sua identidade e atributos próprios que lhe foi atribuído no meio social ou cultural em que vive”.

O nome canino *Gungunyani* é fruto da reutilização ou recuperação deste antropónimo enquanto nome do Imperador de Gaza. Nos casos registados, trata-se de um nome que é atribuído a cães por homens que procuram se aproximar ao imperador; constitui uma forma clássica de assumir a identidade *gazence*, simboliza robustez e resistência e por consequência torna-se num recurso e oportunidade de auto vanglorização do nomeador/emissor.

De igual modo, funciona o nome canino *Samora* — de Samora Moisés Machel], o primeiro presidente de Moçambique independente. No imaginário da comunidade Changana, que é também sua, esta figura política é tida como um indivíduo destemido, em termos simbólicos, e como nome canino representa tenacidade, poder e determinação.

Porém, em alguns casos, o nome Samora é associado ao abuso de poder, uso exacerbado e/ou uso desnecessário da força. É neste contexto que o nomeador/emissor

atribui o nome *Samora* ao cão como forma de denunciar a existência de um membro na família que não respeita as regras básicas e socioculturais de resolução de problemas sócio-familiares.

Em contrapartida, encontramos o nome canino *Matshanga* [de António Matsangaissa], figura incontornável na História de Moçambique. No entanto, torna-se imperioso sublinhar que pelo facto de ser um antropónimo de uma figura associada à Guerra de Desestabilização, em sua volta, surgem estereótipos negativos. No grupo etnolinguístico Changana *Matshanga* refere-se a quem não tem respeito pela vida humana, significa rebeldia e representa crueldade.

E constamos que o nome este é atribuído a cães da casa pelos pais para se referirem ao filho que procede como um marginal ou um delinquente.

À semelhança do nome *Matshanga*, na comunidade Changana encontrados cães registados com o nome *Ziminthi* [de Ian Smith], figura proeminente na exploração colonial das Rodésias e Niassalândia.

As devastadoras investidas do *Ziminthi* no território nacional mereceram um registo negro nas memórias do povo moçambicano, em geral e da comunidade Changana, em particular. No imaginário e na memória colectiva dos changanas *Ziminthi* significa quem importuna os outros e representa destruição.

Nesta humanização canina abrir-se espaço para o nomeador reprimir, educar/reeducar e punir o legítimo dono do nome.

Segundo Ullmann (1964, p.148), “a posse de um nome é, e tem sido desde tempos imemoráveis, privilégio de todo o ser humano” e seu primeiro bem que recebe no meio sociocultural com o intuito do distinguir dos outros e inserí-lo no meio social.

Percebemos que este fenómeno de transformação de antropónimos em nomes de cães constitui, também, um mecanismo de aproximação dos fãs/nomeadores aos seus ídolos e, por conseguinte, uma oportunidade de tocá-los, cuidá-los e pedi-los. Visto que, em geral, estas personalidades localizam-se histórica e geograficamente ou longe do tempo e espaço de circulação dos admiradores.

SUBSTANTIVOS COMUNS [+HUMANOS] COMO NOMES CANINOS

O uso do léxico de uma língua, qualquer que seja, ou a sua combinação para a formação de frases é condicionado pelos seus traços semânticos e pelo pragmatismo que imprimem no contexto concreto de comunicação.

É nesta senda que substantivos comuns [+humanos] são criteriosamente seleccionados e atribuídos aos cães como seus nomes. O processo de nomeação dos cães eleva os estes animais à categoria de humanos. Isto é, a atribuição de nomes [+humanos] a cães culmina com a antropomorfização destes seres.

Segundo Manjate, (2000, p.71) “o referente integra um conhecimento que se tem sobre o mudo, pois é nele que recai todo o exercício de simbolização.” Uma vez que os nomes próprios [+humanos] são um potencial de referência por excelência, geralmente, usados em contextos concretos de comunicação.

Khósázana, em xichangana significa irmã mais velha da casa, figura que no ceio familiar é tida como entidade com o valor de mãe, digna de respeito e protecção.

Na nova classe o nome *Khósázana* tem um significado irónico construído na base de camuflagem e oposições de valores que se esperam de uma mãe. No universo seleccionado, este nome foi atribuído ao cão da família pela sogra com o intuito de repudiar algumas práticas ou comportamento da sua nora. No entanto, funciona como um ascensor humano e ganham um valor de escárnio pela aproximação nora/cão.

No que constamos no terreno, o nome *Khósázana* surge da preocupação da sogra pelo facto de viver situações em que a sua nora deixa os afazeres da casa na responsabilidade da sogra, limitando-se a desfrutar da ociosidade. Portanto, percebe-se que o nome simboliza indignação criada pela inversão de papéis no meio familiar, de acordo com os princípios estabelecidos dentro da comunidade etnolinguística que advoga que uma mulher deve trabalhar para a família do marido.

Em termos pragmáticos, o nome canino *Khósázana* é uma chamada de atenção à nora de modo a não agir como patroa da sua sogra ou das irmãs do marido. No entanto, percebemos que há casos em que os familiares do marido atribuem a cães da casa o nome *Mangupele*, em xichangana significa parvo ou submisso, para,

directamente, lhe chamarem atenção da usurpação do comando da casa protagonizada pela sua esposa e despertá-lo da submissão feminina. Portanto, está-se a denunciar uma suposta inversão de papéis no funcionamento da instituição família.

Nesta lógica está o nome canino *Muchávéléli*, mais um fruto da migração do substantivo comum para a classe dos substantivos próprios, em xichangana significa advogado. Este substantivo é, geralmente, atribuído ao cão da casa pela mulher em situações em que o seu marido sai, frequentemente, com um amigo ou familiar que na maior parte das vezes funciona como seu álibi nas ausências e demoras infundadas. Na nossa percepção o nome *Muchávéléli* significa defensor/protector e funciona como uma forma de suplicar ao amigo do marido para que não leve o seu amado para situações que possam desestabilizar o seu lar. O nome representa ciúme que a mulher tem dos amigos do seu marido pelo facto de dedicar grande parte do seu tempo a eles em detrimento dela. E não só representa este sentimento de posse com também, em caso de se duvidar da conduta dos amigos, pode simbolizar zelo.

Segundo Alford (1988, p.51), “dar um nome a um indivíduo pode também servir para indicar que ele ou ela é um membro legítimo do grupo”. É graças a esta antropomorfização que cães recebem o nome *Múnúmúzana*, em Changana significa chefe de família. Neste caso, *Múnúmúzana* tem um valor irónico e satírico porque o chefe de família a que se refere não é o filho, mas sim a nora. Mas, há casos em que o nome *Múnúmúzana* é atribuído ao cão da casa pela esposa ou pelos filhos, mesmo pelos irmãos. Estes encontram os seus fundamentos nas situações em que um homem age como um imperador, dono de tudo, desde a razão até aos objectos. O nome é atribuído ao cão como uma crítica às atitudes das pessoas que desse modo procedem e simboliza o exercício exacerbado do poder no ceio familiar. O significado de um morfema [palavra/nome] é, portanto, definido pelos contextos e situações em que tal morfema [palavra/nome] ocorre (ELSON e PICKRTT, 1978, p.31).

USO DOS ADJECTIVOS NA NOMEAÇÃO CANINA

Os adjectivos [+humanos] entram na classe dos substantivos pelo processo de nominalização, onde é transformado em substantivos próprios. É neste âmbito que na comunidade Changana os adjectivos *Xisiwana*, *madzeko* e *ntíví*, que significam pobre, coitado e inteligente, respectivamente, são transformados em nomes e por consequência antropomorfizam os animais que os ostentam. No que se constatou no terreno, os nomes caninos *Xisiwana*, *Madzeko* e *Ntíví* foram atribuídos aos cães respeitando dois pontos de vista construídos na base de escárnio.

O primeiro ponto relaciona-se à função emotiva, onde o emissor assume ser o desdém. Porém, este assumir é irónico porque o nomeador-emissor acredita que alguém o sujeitou a essa situação. E o segundo, relaciona-se à função apelativa, onde o nomeador ao atribuir os nomes *Xisiwana*, *Madzeko* e *Ntíví* aos cães pretende convencer o receptor que este não reúne condições financeiras ou morais para o enfrentar. Portanto, o emissor apela a uma mudança de posicionamento ou de acção do receptor. Constatou-se que os nomes caninos *Xisiwana*, *Madzeko* e *Ntíví* mostram que se nutriu um enorme menosprezo por alguém. Em termos mais práticos, simboliza desprezo.

Mucháviseki, em Changana, significa honrado, é um nome que é atribuído ao cão da casa pelos para se referirem ao pai ou um tio da família que a todo o custo quer se fazer respeitar. Nos casos que seleccionamos as pessoas que exercem o poder paternal a força só são temidas e não ganha admiração no ceio familiar. Segundo Baylon e Fabre (1979, p.23), uma “obra é um conjunto de signos inventados, [recuperados e reutilizados] durante a execução e de acordo com as necessidades do [nomeador/emissor]”, deste modo, *Mucháviseki* representa um imperador, como acontece com o nome *Múnúmúzana*, anteriormente abordado.

ESTADOS DE ESPÍRITO COMO NOMES DE CÃES

Várias são as razões que levam as pessoas a procurar formas de registrar os momentos marcantes das suas vidas e não importa aqui referi-las. Porém, torna-se pertinente dizer que, na comunidade Changana, o nome canino constitui um campo ou livro aberto para o registo, a leitura e a releitura dos sentimentos humanos.

É nesta lógica que na comunidade Changana nascem e circulam cães com os nomes *Mbhinyeto*, *Muhlotí* e *Xilondza*, em xichangana significam sofrimento. Os nomes *Muhlotí* e *Xilondza*, são associados ao sofrimento ou mágoa devido às condições naturais da sua ocorrência. Isto é, os nomes remetem-nos às situações de tortura física ou psicologia que por consequência activam as glândulas lacrimais. Porém, excluem-se as situações em que o ser humano lacrimeja por alegria.

Mbhinyeto, *Muhlotí* e *Xilondza* são nomes que simbolicamente representam o sofrimento do homem. Pode se perceber ainda que estes nomes funcionam como lamento das situações angustiantes existentes no meio sociofamiliar em que o sujeito que nomeia vive.

À semelhança dos nomes *Mbhinyeto* e *Muhlotí* funcionam o nome *Ngatí* que literalmente significa sangue. Porém, este *Ngatí* como nome canino não é visto dentro dos vasos sanguíneos, mas sim fora organismo, como resultado de actuação de elementos exógenas ao organismo como golpes, perfurações e outras que culminam no sangramento. Partindo deste pressuposto, o nome canino *Ngatí* representa a dor, um autêntico rótulo do sofrimento. É na exploração deste facto que este nome, na comunidade Changana, é percebido como uma forma de reclamar as sucessivas mortes que se registam numa casa. Portanto, os nomes caninos *Mbhinyeto*, *Muhlotí* e *Ngatí*, na comunidade Changana simbolizam o sofrimento. E constituem um espaço de exteriorização dos sentimentos marcados pelo sofrimento e pela dor da perda de um membro da família. Os nomes são atribuídos a cães da casa por pessoas que, na sua vida, passam por maus tratos, geralmente, dirigidos pelos seus maridos, sogros, noras ou cunhadas.

Diferentemente dos nomes anteriores, os nomes caninos *Nkhululeko* e *Nkúlúngwana*, que na língua em estudo significam liberdade e alarido, respectivamente,

veiculam sentimento de felicidade. Nas comunidades africanas, em geral, na comunidade Changana em particular, os alaridos têm um papel e significado bem enraizados nos hábitos, costumes e crenças socioculturais relacionadas às festividades. Nesta senda, ulular é uma manifestação de júbilo no seu expoente máximo e consequentemente o nome canino *Nkúlúngwana* por contiguidade significa *Nkhululeko* e ambos representam felicidade.

Segundo, Bakhtin (2002, p.124) “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fracção de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta concernente à vida quotidiana, à literatura, ao conhecimento, cultura, etc.”. O nome canino *Tshémbá*, significando ‘confiança/fé’, é atribuído a cães tanto pela mulher quanto pelo homem como forma de rogar pela manutenção da relação conjugal ou como uma técnica de produção de esperança na relação.

FENÓMENOS NATURAIS NA NOMEAÇÃO DE CÃES

Na comunidade Changana, o uso dos substantivos que designam fenómenos naturais é um dos recursos mais produtivos da nomeação canina, a produtividade dos nomes dos fenómenos naturais relaciona-se com a força e protagonismo que os fenómenos naturais exercem na vida e sobrevivência do homem e com o poder comunicativo atípico que os seus ganham nas relações humanas.

Xivhúngwavhúngwana, em xichangana significa redemoinho/furacão’, é um nome canino que significa intemperança. Devido ao facto de este fenómeno natural, misturar e/ou arrastar resíduos sólidos nocivos à saúde é relacionado com destruição, assim simbolicamente representa confusão. À semelhança do nome *Xivhúngwavhúngwana*, o nome *Nwamulambu*², que em changana significa ciclone, no universo seleccionado significa confusão.

No entanto, na comunidade, aprendemos que pelo facto do fenómeno devastar tudo o que encontrar em frente da sua projecção para garantir a sua efectivação, este

2 Segundo os nossos informantes, o nome canino *Nwamulambo* tem a mesma carga semântica e pragmática do nome canino *Mwamarhefu* que em xichangana significa ‘o de avalanche’. Em termos simbólicos representam ira, destuição e falta de piedade.

nome canino significa não mensuração de esforços para a satisfação de apetites ou desejos egocêntricos. Por conseguinte, o nome canino *Nwamulambu* no imaginário dos changanas simboliza confusão e arrogância alicerçadas no maquiavelismo. Os nomes *Xivhúngwavhúngwana* e *Nwamulambu* são, em geral, atribuídos a cães pelas mulheres para se referirem a alguém mais próximo que resolve os seus problemas na base de violência física e/ou psicológica. Deste modo, a nomeação canina evidencia os comportamentos ocultos de indivíduos que agem como seres isolados do meio social em que se encontram inseridos.

Entretanto, notamos que o nome canino *Nwamulambu* em algumas situações é relacionado com a feitiçaria, significado feiticeiro. Este significado deriva do mito de que os ciclones são produzidos e dirigidos por feiticeiros para matar como forma de exigir a efectivação de alguns preceitos não respeitadas nas suas parcerias. Neste âmbito, o nome *Nwamulambu* equivale a *Tilo*, que em xichangana significa Céus e/ou relâmpago. Constatamos que *Tilo* quando é usado como nome canino equivale a relâmpago, outro fenómeno que segundo os mitos e/ou crenças deste grupo etnolinguístico é controlado pelos feiticeiros com os mesmos fins do *Nwamulambu*.

O nome canino *Rifú* em xichangana significa morte, representa dor ou sofrimento. O nome é percebido como mecanismo de denúncia e de repúdio de sucessivas mortes que se registam numa determinada família, supostamente protagonizadas por um feiticeiro. Entretanto, o nome *Rifú* funciona como um indício de blindagem da família vítima deste fenómeno. O nome *Gandhlati* coloca-se ao lado do nome *Rifú* pelo facto de ser um fenómeno que é visto como purificador das águas do mar, em particular. E quando é atribuído a caninos significa limpeza e por aproximação simboliza protecção.

Percebemos que neste grupo etnolinguístico estes nomes são atribuídos a cães por chefes de família por acreditarem que o visado ao se aperceber destes da mensagem veiculada por estes nomes caninos desviará a sua atenção, uma vez que se trata de uma atitude de ousadia e ameaça ao visado. Este fenómeno associa-se ao ditado popular segundo o qual ninguém ameaça sem suporte. Deste modo cristaliza-se a ideia de protecção, pois uma ameaça é uma forma de refúgio.

Os nomes de fenómenos naturais quando usados como nomes caninos carregam muito simbolismo referente à intemperança e imprevisibilidade das acções do ser humano enquanto membro de uma comunidade ou de um grupo social. Porém, só os membros da família ou vizinhos mais atentos captam e reconhecem o papel da mensagem transmitida pelos nomes dos animais e provavelmente criam condições para inverter o cenário. Ela recupera formas esquematizadas pelo uso ou, ainda, estereótipos e estruturas cristalizadas. Ela as reproduz tais como são ou as desvirtua e lhes fornece novas significações (FONTANILLE, 2007, p. 271-272).

FUNCIONAMENTO DO NOME CANINO

Os nomes caninos na comunidade Changana constituem uma rede de interacções humanas conexas e complexas na medida em que servem de meios de comunicação entre indivíduos que emitem mensagens e as respondem usando o mesmo signo (nome e/ou animal). Estes nomes mostram a validade da opinião segundo a qual a emoção também comunica, pois o que interessa ao se definir a função de um texto é literalmente a finalidade a que ele se pretende e não o que decorre de sua recepção. (JAKOBSON, 1987, p. 124).

No processo do uso da linguagem como uma actividade com agir finalístico, intencional, intelectual e como expressão de sentimentos humanos, na comunidade Changana, o nome do cão é tomado como uma técnica de camuflagem de intenções e vector de emissão de pensamentos e sentimentos dos membros desta comunidade.

Dentre os diversos meios de expressão que a língua e o meio sociocultural oferecem aos membros da comunidade Changana, o nome canino tornou-se numa escolha certa e interventiva na comunicação, visto que permite que ao homem-nomeador manifeste, comunique ou fale das suas intenções, sentimentos, pensamentos e na sua maior liberdade.

Os nomes de cães pelo facto de fazerem parte de um campo particular do uso e aproveitamento da língua e dos contextos da sua realização constituem um excelente espaço de transmissão de valores culturais. E, por conseguinte, os nomes destes animais

constituem um lugar em que se cruzam elementos saídos do domínio da percepção sensível e do real que exploram e exteriorizam o imaginário da comunidade. O fenómeno de nomear os seres sendo uma actividade efectuada pelo homem como membro duma comunidade é um facto social. Nesta óptica, pode se afirmar que na comunidade Changana a nomeação canina reveste-se de um simbolismo intrínseco.

Em termos simples pode-se dizer que a significação que os nomes que os cães carregam ou as mensagens que estes animais através dos seus nomes veiculam alicerçam-se nos *ângulos culturais* da comunidade e a sua descodificação absoluta ou fecunda só é possível dentro dos parâmetros do imaginário dessa comunidade.

Os nomes caninos emitem pensamentos e veiculam vários sentimentos inerentes a vida humana, logicamente. Já que a principal função da linguagem é manipular a atenção das outras pessoas pode se pensar que os nomes de cães enquanto construções culturais e linguísticas podem ser assumidas como artefactos simbólicos de que os seres humanos se servem para esse propósito (TOMASELLO, 2003, p.210). As produções humanas, embora aparentemente desconexas, encontram-se em constante inter-relação, os nomes caninos desta comunidade, por exemplo, constituem um campo simbólico de pensamentos plásticos.

Esta plasticidade simbólica das mensagens transmitidas pelos nomes caninos resulta do facto de poderem significar o que o emissor pretende transmitir; o que o receptor visado, o denunciado, por exemplo, pode perceber e o que um eventual receptor pode por sua vez perceber. Uma vez que cada nome constitui um segmento de comunicação e/ou um contexto concreto de enunciação e o leitor/receptor é membro linguístico e cultural da comunidade em que o nome canino circula.

Em volta da elaboração de um nome canino constrói-se uma grande rede de busca e passagem de contextos e enunciados socialmente construídos, visto que são signos, construções linguísticas organizadas sob forma de textos resumidos ou amalgamados fundamentados em artefactos do imaginário da comunidade com o objectivo de comunicar.

Na nomeação de cães como processao de comunicação o sujeito enunciatário não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso,

por ser a “descodificação” um acto de linguagem que exige a combinação de textos, reconstrução de textos, o uso do intelecto e experiência para se entrar em contacto com a informação codificada pelo sujeito do enunciação (o nomeador do cão). Para sustentar este facto, Peirce (2005, p.39), a quando da abordagem da legitimidade das informações e conhecimento científico afirma que “o progresso da ciência não pode ir longe a não ser que conte com a colaboração” e sem discutir questões de orinalidade do discurso.

Entende-se que o sujeito da enunciação projeta-se no texto e deixa marcas linguísticas, culturais, sociais e históricas que permitem ao destinatário reconstruir a enunciação feita através do nome do animal. São estes indícios que conduzem o destinatário enquanto pesso e membro de um grupo sociocultura a fazer ponte entre a mensagem transmitida e a pensagem percebida.

É nas relações sociais que o homem vive a maior tensão da sua sobrevivência e, na comunidade Changana, os nomes caninos são elaborados para responderem as necessidades humanas. Portanto, se os nomes dos cães são usados como um escape social é porque a comunidade cria e aceita o cão e o seu respectivo nome como mecanismos e ferramentas linguísticas, socioculturais e intelectuais de amenização dessas tensões sociais.

Combinado com o facto de se saber que a simbologia que circunda a textura de nomes de cães comparada a literariedade de uma produção humana está associada à combinação intencional entre um signo oral ou gráfico e signos linguísticos com o objectivo de produzir uma relação significativamente simbólica.

Bakhtin (2002, p.124), sustenta este posicionamento ao afirmar que “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fracção de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta concernente à vida quotidiana, à literatura, ao conhecimento, cultura, etc.” E não seria o caso dos nomes caninos uma excepção deste processo e enunciação enquanto parte do fenómeno da comunicação.

No uso dos nomes caninos como meios de comunicação, o emissor-nomeador é responsável pela enunciação de uma mensagem endereçada a um receptor visado ou não, cujas competências cultuais, linguísticas e a experiência condicionam todo o processo de descodificação da mensagem.

A comunicabilidade é uma característica e uma das dimensões constitutiva do signo, e por extensão, de todos os processos semióticos. Pois, uma entidade só se torna signo se possuir um interpretante, isto é, se for interpretável ou comunicável a outrem. Entretanto, a comunicabilidade não está contida no próprio signo, no seu significado, nem no domínio das regras de funcionamento da linguagem utilizada; é constituído por experiências colaterais que fixam o valor do signo e são essencialmente de índole pragmática como pode se verificar no objectivo final ou na força ilocutória dos nomes caninos da comunidade Changana.

Deste modo, pode se perceber que o nome do cão, em algumas situações, o próprio animal (ser físico), na comunidade Changana, assume o papel de um meio vivo e circulante de transmissão de mensagens onde os destinatários recebem e descodificam-nas a qualquer momento e lugar que com o nome do cão e/ou animal entrarem em contacto. No momento em que o indivíduo se dá conta do animal, do seu nome e da simbologia que o nome do animal carrega está num estado denominado percepção, momento que exige o *background* linguístico e cultural do indivíduo/receptor para a descodificação da mensagem veiculada pelo nome do animal. Neste processo, um indivíduo (potencial receptor) ao entrar em contacto com o animal (ser do mundo físico) correspondente ao significado 1, na sua mente efectuem-se exercícios psíquicos de busca de elementos identificação do ser que se fez presente e, um desses elementos é o nome. Mas, o nome (significante 1) que aparece a prior é o da espécie, [kãu]. O emissor e potencial receptor entram num processo de reprodução do valor semântico e pragamtico do nome através de um processo que pode desvirtuar e/ou fornecer novas significações ao nome do cão (FONTANILLE, 2007, p. 271-272).

A pessoa que nomeia um cão assume dois papéis; o primeiro é de actor social, pois este influencia as massas ou o tecido social na mudança de atitude, critica ou na denúncia de males sociais e o segundo é o de sujeito colectivo, este papel emerge quando é percebido como um meio de comunicação, uma especie de porta-voz da comunidade em que está inserido.

CONCLUSÕES

No processo do uso da linguagem como uma actividade com agir finalístico, intencional, intelectual e como expressão de sentimentos humanos, na comunidade Changana, o nome do cão é tomado como uma técnica de camuflagem de intenções e vector de emissão de pensamentos e sentimentos que se revestem de um simbolismo plástico e intrínseco dos membros desta comunidade.

Esta plasticidade simbólica das mensagens transmitidas pelos nomes caninos resulta do facto de poderem significar o que o emissor pretende transmitir; o que o receptor visado, o denunciado, por exemplo, pode perceber e o que um eventual receptor pode por sua vez perceber. Uma vez que cada nome constitui um segmento de comunicação e/ou um contexto concreto de enunciação e o leitor/receptor é membro linguístico e cultural da comunidade em que o nome canino circula.

Em volta da elaboração de um nome de cães constrói-se uma grande rede de busca e passagem de contextos e enunciados socialmente construídos, visto que são signos, construções linguísticas organizadas sob forma de textos resumidos ou amalgamados fundamentados em artefactos do imaginário da comunidade com o objectivo de comunicar.

Deste modo, pode se perceber que o nome do cão, em algumas situações, o próprio animal (ser físico), na comunidade Changana, assume o papel de um meio vivo e circulante de transmissão de mensagens onde os destinatários recebem e descodificam-nas a qualquer momento e lugar que com o nome do cão e/ou animal entrarem em contacto.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR e SILVA, V. M. **Teoria da Literatura**. Coimbra. Livraria Almedina, 2002.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo. 2002.
- BARTHES, R. **Inéditos**. São Paulo. Martins. 2004.
- BAYLON, Ch. e FABRE, P. **Iniciação à linguística**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- CHOMSKY, N. **Reflexões Sobre a Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1975.
- ELSON, B. e PICKRTT, V. **Introdução à Morfologia e à Sintaxe**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- GALLISSON, R. e COSTE, D. **Dicionário de Didáctica das Línguas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- GENOUVRIER, E. e PEYTARD, J. **Linguística e Ensino do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- JUNOD, H.A. **Usos e Costumes dos Bantos**. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1996.
- MARTÍNEZ, F. L. **Antropologia Cultural**. Maputo: Paulinas, 2009.
- MATEUS, M. H. M. et all. **Gramática da língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária-UEM, 2014
- PADILHA, L.C. **Novos pactos, outras ficções**: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PADILHA, L.C. **Novos pactos, outras ficções**: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PIERCE, Ch. **Semiótica**: Estudos. São Paulo: Prespectiva, 2005.
- SAUSURRE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- ULLMANN, S. **Semântica**. Uma Introdução à Ciência do Significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VILELA, M. **Estudo de Lexicologia do Português**. Coimbra Livraria Almedina, 1994.



Pintura Odaymar. Gratitud